



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. II, v. I mai. -out. 2019

p. 324-342.

# A sexualidade velada da mulher vitoriana: análise da obra literária

## *Carmilla*, de Le Fanu

Sweder Souza<sup>1</sup>

Tatiana Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho pretende analisar o discurso acerca da sexualidade velada da mulher vitoriana no final do século XIX, utilizando a obra literária *Carmilla: a vampira de Karnstein* escrita pelo pai da Literatura Fantástica, Sheridan Le Fanu, em 1872. A era vitoriana é uma sociedade patriarcal que tem como base a família, da qual a mulher é a representante e responsável por essa base familiar. Sua imagem é representada de forma angelical e meiga, o *anjo do lar*, uma mulher sem desejos, totalmente reprimida sexualmente pela sociedade patriarcal e objeto do homem. *Carmilla* representa a libertação dessa mulher, rompendo com os padrões sociais do período, ela é a representação da mulher *Femme Fatale*, mulher que sente desejo sexual, dominadora, sedutora e dona de si. Mulher temida pelo sexo masculino, pois age através do instinto, motivo de perigo para a sociedade vitoriana. A vampira é tudo aquilo que a mulher vitoriana desejava ser e sentir, *Carmilla* é a libertação desta mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulher; sexualidade; feminismo; literatura.

**Abstract:** The present work intends to analyze the discourse on the veiled sexuality of the Victorian woman in the late nineteenth century, using the literary work *Carmilla: the vampire of Karnstein* written by the father of Fantastic Literature, Sheridan Le Fanu, in 1872. The Victorian era is a society patriarchal family-based, of which the woman is the representative and responsible for this family base. Her image is represented in angelic and tender form, the angel of the home, a woman without desires, totally repressed sexually by the patriarchal society and object of the man. *Carmilla* represents the liberation of this woman, breaking with the social standards of this period, she is the representation of the woman *Femme Fatale*, woman who feels sexual desire, dominating, seductive and owner of itself. Woman feared by the male sex, because it acts through the instinct, motive of danger for the Victorian society. The vampire is all that the Victorian woman wanted to be and feel, *Carmilla* is the liberation of this woman.

**Keywords:** woman; sexuality; feminism; literature.

**Resumen:** El presente trabajo pretende analizar el discurso acerca de la sexualidad velada de la mujer victoriana a finales del siglo XIX, utilizando la obra literaria *Carmilla: la vampira de Karnstein* escrita por el padre de la Literatura Fantástica, Sheridan Le Fanu, en 1872. La era victoriana es una sociedad Patriarcal que tiene como base la familia, de la cual la mujer es la representante y responsable de esa base familiar. Su imagen es representada de forma angelical y tierna, el ángel del hogar, una mujer sin deseos, totalmente reprimida sexualmente por la sociedad patriarcal y objeto del hombre. *Carmilla* representa la liberación de esta mujer, rompiendo con los patrones sociales de este período, ella es la representación de la mujer *Femme Fatale*, mujer que siente deseo sexual, dominadora, seductora y dueña de sí. La mujer temida por el sexo masculino, pues actúa a través del instinto, motivo de peligro para la sociedad victoriana. La vampira es todo lo que la mujer victoriana deseaba ser y sentir, *Carmilla* es la liberación de esta mujer.

**Palabras clave:** mujer; sexualidade; feminismo; literatura.

<sup>1</sup> Graduado em Letras – Português/Inglês (UTFPR). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UNIANDRADE). Mestrando em Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Participa do Grupo de Pesquisa em Intercompreensão, Didática do Plurilinguismo e Políticas de Línguas (FLORES/UFPR/CNPq). E-mail: swedersouza@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em História, Bacharelado, com ênfase em Gestão do Patrimônio Histórico e Cultural pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: taty100481@gmail.com

Recebido em 03/06/17

Aceito em 30/07/18

## 1. Introdução: o contexto do período vitoriano e *Carmilla*

O período vitoriano (1837-1901) foi assim conhecido por ter sido governado pela Rainha Victoria durante 64 anos. A Rainha Victoria foi criada nos moldes da mulher virtuosa, do lar, isto é, desde a infância foi retirada do convívio social, instruída pela Igreja e pelas preceptoras, sem contato com a figura masculina e, quando havia sempre estava acompanhada de alguém, nunca esteve só. O que mostra como era a sociedade deste período, claro, que a exigência no comportamento era maior para uma futura Rainha da Inglaterra.

Laura foi criada seguindo os padrões sociais e de conduta desse período, haja vista, que seu castelo é afastado dos centros urbanos e vilarejo. Ela menciona: “Nada pode ser mais pitoresco e isolado. A propriedade fica na encosta de uma colina, numa floresta”. (LE FANU, 2010, p.39) Como podemos observar, o local era bem afastado, tinha pouco contato com outras pessoas, às vezes recebia visitas, a maioria, meninas jovens como ela, outras ela visitava. Solitária, fora do convívio social, regulada e instruída pela sua preceptora.

A mãe da Rainha Victoria, a Duquesa de Clarence, dedicou-se fervorosamente para que a Rainha Victoria fosse “[...] uma rainha cristã. Ela dedicou todas as suas energias a essa tarefa; e, à medida que a criança crescia. A duquesa se orgulhava de constatar que seus esforços tinham sido bem-sucedidos [...]”. (STRACHEY, 2015, p.49) Dessa forma, concordando com a citação, vemos que a presença da moral cristã estava enraizada neste período, e que a Rainha Victoria foi forjada nesse modelo social.

Quando Laura tinha aproximadamente seis anos, ocorreu o primeiro contato sobrenatural com *Carmilla*, aterrorizada, ela entrou em pânico, no dia seguinte recebeu a visita de um padre, que rezou e fez uma oração junto a Laura:

Lembro-me que mais tarde, naquele mesmo dia um senhor de aspecto nobre, trajando batina preta, entrou no quarto acompanhado da babá e da arrumadeira, e se dirigiu, primeiramente, as duas, e depois conversou comigo com amabilidade. Tinha a fisionomia meiga e gentil, e me disse que todos rezassem [...]. (LE FANU, 2010, p. 44)

Percebemos que na religião, a fé está presente desde a tenra idade, mesmo Laura não nomeando como padre, ela reconhece sua missão. Em outros momentos, ela começa a questionar sobre a religiosidade da *Carmilla*, “[...] muitas vezes me perguntava se a nossa bela hóspede costumava rezar. Eu nunca tinha visto Carmilla de joelhos”. (LE FANU, 2010, p.87) Percebe-se a



relação intrínseca que as mulheres tinham com a religião.

A Rainha Victoria tomou posse do trono em 1837, sua corte era considerada modelo, não só pela integridade do reinado, pois era um governo que não tinha nenhum escândalo que pudesse colocar em cheque a moral desse reinado.

Para Strachey (2015, p. 163):

Ela era mais – era a encarnação, o ápice vivo de uma nova era da humanidade. O último vestígio do século XVIII tinha desaparecido; as sutilezas e o cinismo tinham sido reduzidos a pó; e o dever, o trabalho, a moralidade e a vida doméstica triunfaram sobre eles.

De acordo com a citação acima, podemos ver o momento que a Era Vitoriana atinge seu ápice na história. Além disso, esse período é considerado o auge da Revolução Industrial, ocorrendo uma renovação tecnológica.

Para Pérez (2011, p. 512):

En la mente de muchos, la reina Victoria personificaba el espíritu de la Inglaterra del siglo diecinueve: ella era la reina del Reino Unido, Gran Bretaña e Irlanda así como la emperatriz de la India. Era también la madre de nueve hijos. Su monarquía era un modelo de respetabilidad, autodisciplina, conservadurismo y virtudes domésticas. El poder mundial de Inglaterra se expandió debido al papel tan crítico que la reina desempeñó al comienzo de siglo; la convirtió en el primer estado moderno industrial.

A imagem da Rainha Victoria e de sua corte servia de modelo nas vidas das pessoas. Sheridan Le Fanu apresenta na sua obra sucintamente sobre essa devoção, “[...] meu pai e eu falamos inglês, idioma que praticamos diariamente, para não o esquecer e também por razões patrióticas”. (LE FANU, 2010, p.41) Portanto, percebe-se o valor que o governo inglês tinha para esses atores sociais. Além disso, a era vitoriana foi um período de mudanças sociais e econômicas e, também, no que tange às mudanças com relação a modernizações da indústria. Uma nova Revolução Industrial estava se originando, era um período de prosperidade.

De acordo com Hobsbawn (1988, p.81):

Para o século XIX, a principal inovação consistia na atualização da primeira revolução industrial, através do aperfeiçoamento da tecnologia do vapor e ferro: o aço e as turbinas, As indústrias tecnologicamente revolucionárias, baseadas na eletricidade, na química e no motor



de combustão, começaram certamente a ter um papel de destaque, em particular nas novas economias dinâmicas.

Dentro deste contexto, e com o advento da prosperidade econômica que ocorrera pelo avanço tecnológico industrial, faz emergir uma nova classe social, a burguesia. A burguesia adota um estilo de vida diferente, seguindo os preceitos da sua ascensão financeira.

Campos (2008, p.64) nos diz:

A era vitoriana teve marcos importantes para a história social, pois é considerada o auge da revolução industrial inglesa e do império britânico. Naquele momento, a sociedade tomada pelo ideal burguês vivia à sombra da superficialidade, falsidade e preconceito cujo domínio permitia a poucos o controle econômico e aos homens, chefes de família, o total domínio social. O período vitoriano, dessa forma, permitiu certo cultivo à inocência e a sociedade passou a idealizar a inocência e, com isso, evitar situações e sentimentos desagradáveis pertencentes ao mundo real era meta para a educação dos jovens, ainda mais no que concerne ao mundo feminino.

Concordando com a citação acima, o avanço do capitalismo fez com que a sociedade patriarcal se enraizasse ainda mais, assegurando a perpetuação do masculino sobre a tutela da sociedade e da figura feminina, assim, “[...] la era Victoria foi un momento de prosperidade así como de estrictas normas morales [...]”. (PÉREZ, 2014, p.514)

## 2. A mulher vitoriana: objeto de desejo sexual

Quando falamos de sexo, principalmente no que tange à figura feminina, seu órgão genital, seu corpo, seus desejos, tudo aquilo que está ligado à sexualidade da mulher, é tabu. No período vitoriano isso era mais velado, desde a infância o sexo era colocado como algo pecaminoso, mencionar algo que estivesse relacionado a sexo era motivo de desconforto na sociedade, isso era para ambos os sexos, porém era ainda maior para o sexo feminino.

De acordo com Foucault (2015, p.7), “a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal legítimo e procriador, dita a lei”. Assim, o sexo é totalmente velado, silenciado, saindo totalmente da esfera coletiva, sobre ele não se fala, nem se insinua nada, tudo aquilo que está relacionado ao sexo é silenciado, desde as palavras.



Em se tratando das crianças, a elas era negado o sexo biológico, entende-se que a criança até seis anos de idade é assexuada, “[...] nas salas das creches, meninos e meninas se confundem. Depois começa um longo processo de sexuação”. (PERROT, 2016, p.43) A presença da menina é quase que imperceptível, tendo em vista que sua vida está restrita a casa, isto é, ela passa mais tempo no espaço privado, excluída do convívio social, aprendendo a ser a mulher religiosa, submissa ao homem, dedicada a casa e aos filhos, perfeita e angelical aos olhos da sociedade vitoriana.

*Carmilla* rompe com esse silêncio, com a imagem angelical da mulher e, a partir do momento em que seduz Laura, faz emergir uma inquietação em sua vítima, seja por conta da religiosidade de Laura e também por conta do despertar da sexualidade reprimida dessa jovem. A Laura no conto de Le Fanu é a mulher vitoriana forjada para anular sua sexualidade.

Conforme Frota (2013, p. 99):

Irresistível, contudo, repulsiva. Interessante, mas perigosa. Familiar, mas ao mesmo tempo, estranha. Carmilla desabrochou a sexualidade de Laura, mesmo tendo sido quase fatal. Ela despertou a narradora para a vida sexual enquanto drenava suas forças físicas e psicológicas.

Na verdade, a representação do vampiro pode encarnar o desejo sexual transgressor, a cobiça por aquilo que é estranho, mas que se apresenta familiar, daí o seu sentido ambíguo.

Em conformidade com a citação acima, *Carmilla* representa essa sexualidade velada da mulher vitoriana. A proximidade da vampira na vida de Laura faz com que esse assunto tabu comece a ser descoberto por ela através de sensações físicas. Laura uma legítima jovem vitoriana criada sob o julgo da religiosidade, luta contra esse desejo, por medo de pecar e da repressão.

A sexualidade foi confiscada, tudo que reme ao desejo sexual era controlado pela lei cristã, regular o sexo não proibindo, supervisionando através do discurso, isto é, a polícia do sexo era controlada pela religião sobre a forma de confissão, “[...] o que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo [...]” (FOUCAUT, 2015, p. 39), ou seja, no confessionário se fala de sexo, em voz baixa e disfarçada, sem ofender ou causar constrangimento, apenas como ato legítimo do pecado, portanto ele continua presente no discurso, mas mantido em segredo.

O sexo estava restrito às relações conjugais perante a lei do casamento e assegurado por Deus, ou seja, “[...] romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam, de qualquer



modo, condenação” (FOUCAULT, 2015, p.42), isto é, esses prazeres estranhos estão relacionados à homossexualidade. O homossexualismo de *Carmilla* é condenado e repudiado pela sociedade conservadora do período vitoriano.

Discorre Lima (2016, p. 283):

As igrejas cristãs sempre condenaram a homossexualidade, isto faz do vampiro uma criatura muito mais maligna ainda, pois ele não apenas se alimenta de sangue, mas seduz mulheres e homens, sendo assim o monstro afronta um dos valores morais mais fortemente arraigados nos dogmas religiosos, a heterossexualidade.

Em concordância com Lima na citação acima, percebemos que a sociedade vitoriana regida pela moral, negava o homossexualismo, diante disso *Carmilla* uma vampira lésbica afronta essa moral colocando em perigo a ordem social e, além disso, ela rompe com o princípio do ato sexual nesse período, que é a procriação, “[...] como é de conhecimento geral, a religião cristã condena comportamentos sexuais que não sejam com fins de procriação, até mesmo tudo o que é erótico é considerado pecaminoso”. (LIMA, 2016, p.277) Tudo que norteia o sexo é considerado um ato contra os preceitos religiosos. A sexualidade de qualquer forma é condenada, o que deve existir é apenas o sexo procriador.

O vampiro por ser um transgressor das normas sociais, passou a ser símbolo de libertação, “En muchas sociedades, las restricciones sobre la conducta sexual era común, y el vampiro se convirtió en el símbolo de la liberación de estas y otras energías emocionales poderosas”. (PÉREZ, 2004, p. 56)

Dessa forma, *Carmilla* representa a libertação dessa sexualidade que foi velada e contida no interior da mulher vitoriana, por conta disso ela é a causa do medo e demonstração de perigo para sociedade, “Carmilla assusta, não só por sua sede de sangue, mas também por sua atitude irreverente [...]” (LIMA, 2016, p.120), ela é a mulher que os conservadores temiam para sociedade, uma mulher que agia por si, para si.

A sexualidade da mulher deve ser contida, no ato a mulher é como uma presa, paciente a espera do seu dominador. O homem é o macho, a ele se reserva o direito de exercer o sexo como natural, assumindo sua natureza selvagem. Nesse período, surgem as patologias de mulher, como é o caso da mulher histérica, essa mulher sofre dos nervos, extremamente nervosa, raivosa, “[...] a histérica é a mulher doente de seu sexo, sujeita a furores uterinos que a tornam quase louca, objeto de clínica de psiquiatras” (PERROT, 2016, p. 66), portanto, essa patologia está relacionada ao sexo,





com o surgimento da histeria ocorre o início das doenças femininas juntamente com a psiquiatria e a psicanálise dessas doenças, no entanto, “[...] não penso estar exagerando ao afirmar que a grande maioria das neuroses graves nas mulheres tem sua origem no leito conjugal”. (FREUD; BREUER, 1996, p. 264)

Segundo Freud e Breuer (1996), o ato sexual era apenas para satisfação masculina, o que de fato fazia com que as mulheres adquirissem não a histeria, mas uma neurose de angústia, além disso, a noite de núpcias, pelo fato de ser algo mais violador do que erótico, teria tudo para ser um motivo de doenças, porém não é frequente.

Portanto, a sexualidade da mulher é extremamente reprimida, a ela só era dado o direito de servir e procriar. Seu instinto era negado, seus desejos eram sufocados, de acordo com Freud e Breuer (1996, p. 264):

É evidente por si só, e suficientemente comprovado por nossas observações, que afetos não sexuais do susto, da angústia e da raiva levam ao desenvolvimento de fenômenos histéricos, mas talvez valha a pena insistir repetidamente em que fator sexual é de longe o mais importante e o que mais produz resultados patológicos.

Os fatores sexuais para Freud e Breuer devem ser relevantes, pois são os que mais interferem na saúde, causando doenças e a histeria, é claro que isso varia de indivíduo para indivíduo, além disso, acabam debilitando-se por travar uma luta contra a sexualidade.

No século XIX tudo que estivesse relacionado ao sexo era motivo de preocupação e vigia, no caso de meninos e meninas, toda atenção era bem-vinda. Em pensionatos, a vigília das freiras era constante até no período noturno, aos meninos a atenção era maior já que a poluição, segundo a medicina da época, levava ao esgotamento físico, “[...] o definhamento, a senilidade precoce seguida de morte balizam o itinerário percorrido por esses indivíduos emagrecidos, macilentos e quase amnésicos que lotam os consultórios médicos”. (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p. 422- 442)

Existe uma preocupação constante no que tange aos desejos sexuais. Para as meninas, até no momento de dormir deveria se ter cuidados, no caso com as cobertas de cama, “[...] os médicos, por seu turno aconselham que evitem o calor e a maciez da cama [...]” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p. 423), portanto todo cuidado era dirigido para ambos os sexos, a fim de evitar tudo que estivesse relacionado à sexualidade.



A mulher era bem mais vigiada, todas suas ações poderiam estimular o desejo sexual e o gozo, “[...] o gozo da mulher sem a presença masculina parece ser particularmente intolerável” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p.423), em alguns casos as mulheres eram internadas em hospitais psiquiátricos ou eram obrigadas a usarem “cintos de contenção”, para evitar o contato com a genitália, “nos hospícios, algemas, correias, aparelhos instalados entre as coxas para impedir o toque são impostos aos alienados ninfômanos” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p. 424), toda forma de repressão do desejo era usada como forma de conter os instintos sexuais, em alguns casos, muito raros a clitorectomia, cauterização do clitóris, era indicada, além da cauterização da uretra no caso do homem.

Quando falamos da sexualidade da mulher vitoriana, a única coisa que percebemos é que o sexo da mulher era única e exclusivamente para satisfazer o homem, a ela somente o caminho da reprodução. Sua imagem angelical não lhe permite sentir sensações e satisfações sexuais, “[...] o culto da virgindade, o angelicalismo romântico e a exaltação do pudor impõem ao burguês ardoroso a necessidade de representar o quarto e o leito conjugal como um santuário e um altar onde se consagra o santo ato da reprodução”. (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p.507) Logo, a sexualidade feminina era simplesmente negada, anulada, inexistente, toda pressão da sociedade patriarcal e da religião estavam presentes no momento do ato, na forma da consciência da mulher.

A mulher vitoriana é objeto sexual do homem, serve para seus desejos sexuais, “[...] na geração, a mulher não é mais que um receptáculo, um vaso do qual se pode apenas esperar que seja calmo e quente”. (PERROT, 2016, p. 63) Desse modo, a mulher era apenas onde o homem encontrava o seu acalento sexual e nada mais.

Assim, os desejos da mulher não eram preocupação para o homem, o sexo era mecânico, instintivo para o homem e mecânico para mulher, desta forma o sexo termina com a satisfação do homem, sempre objetivando a reprodução. “O discurso do médico, longe de exaltar a lentidão das carícias, associa a qualidade da relação ao ímpeto e à rapidez do homem; os médicos ignoram, portanto, o problema colocado pela ejaculação precoce”. (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p.506)

Nesse caso, percebemos o quão era desprezado o prazer feminino. Durante o século XIX, a rapidez do sexo conjugal era evidente, “[...] levando a pensar que o orgasmo simultâneo seja uma exceção” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p. 506), reforçando ainda mais a negação da sexualidade feminina.

A mulher, objeto sexual do homem e reprodutora, nega sua sexualidade, reprimindo no seu





interior, atormentada pelos seus desejos que são pecaminosos. Na era vitoriana essa é a mulher perfeita, que somente está ali para fazer o seu esposo feliz e satisfazê-lo, “[...] a descoberta científica justifica o egoísmo masculino, inaugurando um período desfavorável ao orgasmo da mulher e fundamentando a hostilidade para com o inútil clitóris” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p. 506), dessa forma a mulher e seu clitóris são absolutamente negados, não era necessário que a mulher sentisse prazer, ela apenas deveria participar do ato sexual.

Muitas mulheres, com medo da gravidez, evitavam sentir prazer, pensando que assim a evitariam, neste período não existia métodos anticoncepcionais, a maioria vivia constantemente grávidas, causando estafa e problemas conjugais, já que a mulher se dedicava ao filho recém-nascido e o marido às vezes era posto de lado, “[...] os maridos acham excessivo o tempo dedicado ao bebê. Ainda mais porque o ato conjugal é desaconselhado às lactantes”. (PERROT, 2016, p. 75) Ainda assim, a preocupação maior era com o desejo masculino, pois não poderia satisfazer-se sexualmente.

A essa mulher que reprimia o sexo muitas vezes se tornava uma mulher frígida, sem nenhum desejo sexual, não sente prazer em realizar o ato. O homem insatisfeito com sexo que sua mulher oferece ou não, encontra fora do lar o prazer que não encontra na sua mulher, “[...] a justificativa de procurar o prazer em outro lugar: amantes, prostitutas, mulheres sedutoras das casas de má fama [...]” (PERROT, 2016, p. 65), essa insatisfação legitima o adultério.

Em contrapartida, a mulher que conta de uma grande avidez é colocada como risco para homem, podendo levá-lo ao esgotamento de suas forças e deixá-lo impotente, a essa mulher sexualmente ativa que deixa seus desejos aflorarem, é vista pela sociedade patriarcal, como maléfica, “[...] as mulheres cuja sexualidade não tem freios são perigosas. Maléficas, assemelham-se a feiticeiras, dotadas de “vulvas insaciáveis”. (PERROT, 2016, p. 66, grifos do autor)

A vampira *Carmilla*, neste caso, é vista como uma “vulva insaciável” sente a necessidade do sexo na sua existência de morta-viva, já que o sexo e o seu alimento estão relacionados ao ato sexual, ela se torna essa mulher insaciável sexualmente. Cabia à mulher ser apenas “[...] um objeto, dela se dirá que é *quente* ou *fria*, isto é, que nunca poderá manifestar senão qualidades passivas [...]” (BEAUVOIR, 1967, p. 114), a esta mulher não caberia expressar nenhum tipo de sensação durante o sexo, apenas quente ou fria nada mais.

Assim sendo, *Carmilla* não é temida pela sociedade vitoriana por ser uma predadora e sim por despertar a sexualidade adormecida desta mulher.



Pérez (2004, p. 247) nos diz:

La joven Carmilla es una tema contra la sexualidad victoriana. Su presencia complica los papeles sociales convencionales victorianos. El vampiro es libre porque transgrede el orden natural (el orden de Dios), tiene sus propias leyes, transgrede las fronteras prescritas de la decencia romántica al transgredir el papel del amante secreto.

Conforme a citação acima, vemos que *Carmilla* foi escrita em um período que a mulher desejava libertar-se da condição de reprodutora, Le Fanu conseguiu através da sua personagem vampira, expressar o desejo de libertação da mulher vitoriana.

Tudo que está envolto da mulher é considerado perigoso, a imagem da mulher, desde a sua primeira origem, é vista como pecadora, subversiva, que atenta contra o homem, contra a sociedade patriarcal, por conta disso é demonizada. “Ela é o diabo, seu olhar mata: ela tem mau-olhado” (PERROT, 2016, p. 90), essa aproximação da mulher com a figura do diabo faz crer que é através dela que esse ser corrompe o homem.

Toda essa preocupação com o sexo e a sexualidade feminina é uma forma de conter a mulher, evitar que ela se levante contra o homem ocupando seu espaço. A mulher do período vitoriano era a virtuosa, responsável pela moral da sua família, ligada a figura do anjo e submissa ao homem, conforme Corbin, Courtine e Vigarello (2009, p. 533):

Todas essas peripécias do saber incitam os adultos a controlar com atenção infatigável o despertar do desejo feminino e a empregar uma higiene moral capaz de retardá-lo; estimulam também o casamento precoce das filhas, cuja menstruação, com o ocorrer das décadas, torna-se cada vez mais precoce. Os fantasmas inspirados pelo sangue das mulheres contribuem para delinear sua condição.

Concordando com a citação acima, a sexualidade feminina era controlada desde sua infância, velada, escondida, até o limite do casamento e a moral faz com que todo esse instinto seja amenizado, ajudando a construir a mulher virtuosa.

A menstruação da mulher representa o perigo, o homem sentia-se intimidado com o sangue expelido da vagina, era algo que o gênero masculino não conseguia compreender, “[...] o sangue expelido pela mulher a marcava como impura. Essa condição a levava a ser vista como possível portadora de males para a comunidade” (LE FANU, 2010, p. 19), sendo assim, o fluxo menstrual da mulher está enraizado pelos mitos ancestrais, a menstruação passa a ser demonizada.



O homem evita qualquer contato com a mulher neste estado. Conforme Pérez (2004, p. 737):

Los mitos asocian el flujo de sangre vaginal con el castigo por alguna falta cometida. Otros mitos se refieren a que la embarazada, al llevar dentro de sí sangre que se acumula, en tan impura como la que menstrúa. El hombre se aleja sexualmente de la mujer cuando ésta se dedica a su papel reproductor: durante sus períodos menstruales, cuando está embarazada y cuando amamanta.

Assim, a mulher e tudo que estava relacionada a seu órgão genital, causava transtorno e perigo para sociedade patriarcal, o sexo masculino se sentia intimidado por tantas diferenças e ao mesmo tempo o ocultismo da mulher, ou seja, a mulher é algo incompreensível, difícil tentar compreender tantas facetas do sexo feminino, a ela era dado o poder de carregar outra vida em seu interior, isso para o homem era algo intrigante, por isso ela é vista muita das vezes como bruxa, feiticeira, já que neste momento a medicina não obtinha as resposta que hoje obtemos.

De acordo com Pérez (2004, p. 738):

La imagen de una mujer capaz de controlarse a sí misma podía parecer terrorífica a los ojos de la sociedad puritana. La mujer es percibida como lo opuesto a hombre, el *other*. Eran inferiores pero peligrosas. El sometimiento femenino tiene entonces la función de proteger la identidad masculina.

Portanto, a mulher é vista como anjo e demônio e esta dualidade na forma de representar a imagem feminina é de certa forma uma maneira de controlar suas ações, assim sendo ela só se torna um anjo quando assume seu papel de submissa ao contrário ela é o demônio que subverte e rompe com a virtude. O medo do sexo masculino é não mais conseguir dominá-la, “[...] e se recelo hacia el poder de las mujeres se advierte ya en los mitos primeros, en los relatos de la creación del mundo, que se esfuerza en definir el papel subsidiario de las mujeres”. (PÉREZ, 2004, p. 741) Tudo na mulher tem significados e a reduz a um ser inferior, o seu corpo é imbricado de simbolismo foram surgindo durante toda a civilização.

A mulher do século XIX é trancada em seu próprio corpo, pois ele é a expressão da sensualidade e erotismo, a ela era exigido que cobrisse seu corpo a fim de evitar olhares pecaminosos. O cabelo feminino também era uma forma erotização, por conta disso se estimula o uso do véu, “Assim, o véu reveste-se de significações múltiplas, religiosas e civis, para com Deus, e para com o homem, seu representante. Ele é sinal de dependência, de pudor e honra”. (PERROT, 2016, p. 56) De certa forma o véu é mais uma forma de controle sobre a sexualidade feminina, cobrindo e escondendo



todas as formas da mulher.

De acordo com Perrot, “há uma erotização dos cabelos das mulheres, principalmente no século XIX, grande século do esconder/mostrar, que fortalece o erotismo” (PERROT, 2016, p. 55), esse período era o período do pudor, tudo era escondido, confinado no interior, além disso, o cabelo é enraizado de simbolismo sexual, “[...] un aspecto que merece la pena destacar es el referente al cabello en sí. Éste ha sido desde antiguo un símbolo sexual (Medusa, Lady Godiva, María Magdalena)”. (PÉREZ, 2004, p. 733) Figuras errantes do passado são a afirmativa para essas restrições e punições para as mulheres nesse período. O cabelo está presente nas histórias bíblicas não apenas da representação do feminino, mas no masculino, como é o caso de Sanção, Jesus Cristo, Átila que de certa forma remetem à força e à vitória.

Em *Carmilla*, o cabelo está ligado à sensualidade e ao perigo, à imagem das vampiras em obras literárias sempre estão com cabelos volumosos, cheios de vida, demonstrando altivez e força. Os símbolos relacionados aos cabelos vão desde a sua coloração, por exemplo: o cabelo loiro representa a inocência, escuro representação do maligno, como é o caso de *Carmilla*, Laura narra: “[...] nunca vi cabelos tão fartos e tão sedosos, [...]”, “[...] e exibiam um ardente tom castanho escuro [...]”. (LE FANU, 2010, p. 65) Sheridan Le Fanu buscou toda simbologia que inferioriza a mulher vitoriana e enalteceu na imagem da sua vampira.

O sexo da mulher é inferior, a sua biologia é remetida à inferioridade, frágil, delicada, suas ações são limitadas, por conta das diferenças sexuais. No que tange a reprodução ela está ligada a natureza, é fêmea. Porém, a natureza lhe é negada da sua sexualidade, pois ela é a presa e deve ser dominada. Quando ela se liga a natureza que é o caso da gravidez, da menstruação ela é o perigo, “[...] a terra nutre a vida, mas também é o reino dos mortos sob o solo[...]” (LE FANU, 2010, p. 9), a mulher ligada à natureza, assim como a mãe natureza dá a vida e a tira e, o homem não consegue controlar essa natureza, logo tem medo de não conseguir controlar o sexo feminino e isso causa grande incômodo ao homem.

Toda essa repressão contra a sexualidade da mulher vitoriana impregnada nos preceitos religiosos de uma sociedade patriarcal, que defende acima de tudo a virtude e a moral, faz dela uma mulher objeto. O homem se cerca de mitos, da religiosidade, da natureza biológica para inferiorizar a mulher e justificar sua misoginia. Enquanto isso a mulher vitoriana se encerra no seu interior, ceifando da sua vida o prazer, o desejo sexual e aceitando sua posição de presa diante do seu dominador. Portanto, quando falamos em *Carmilla* ela com certeza é a representação do desejo de



libertação sexual dessa mulher, a vampira é tudo aquilo que a mulher vitoriana guarda no seu interior.

### 3. *Carmilla*: a nova mulher

Quem é essa nova mulher que *Carmilla* representa? Essa nova mulher é aquela que está dando seus primeiros passos para liberdade, sexual, familiar, maternal, angelical e todas as imagens criadas para a mulher vitoriana. Ela passa a não ser mais a mulher que está confinada no interior da casa, cuidando do esposo, dos filhos, virtuosa, a emancipação feminina tem seu início.

A mulher vitoriana forjada para viver somente no espaço privado, sempre trabalhou dentro dos limites do espaço domésticos, conforme Perrot (2016, p. 109):

As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era de ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível.

Portanto, o trabalho exercido pelas mulheres era uma forma de ajudar o marido, no caso das camponesas e mulheres de classe inferiores que moravam nos centros urbanos, isto é, neste momento que a mulher começa a ocupar pouco a pouco os espaços públicos.

Desta forma, as mulheres adentram ao trabalho como forma de contribuir com a renda familiar, seus salários eram inferiores. A esse momento chama-se de protoindustrialização, onde a economia e o trabalho estão ligados ao doméstico. É o caso da mulher que lava roupa para fora, faz pães para vender, tudo dentro do âmbito doméstico e, não deixando de cumprir suas funções como mãe e esposa, zelando pelo lar.

Perrot (2016, p. 97) discorre:

O trabalho feminino também é regulado pelas exigências familiares, ou seja, ele é intermitente, seguindo o ritmo dado pelo nascimento dos filhos. De qualquer forma, é um trabalho que resulta apenas em ‘trocados’- noção bastante antiga, mas revitalizada-, por vezes destinados a despesas pessoais.

Assim, conforme Perrot (2016) o trabalho feminino era uma renda extra apesar de pouco, ajudava e ao mesmo tempo ela não deixava de cumprir com suas obrigações no lar. Neste momento é que surge a inferiorização do trabalho feminino, no que tange as remunerações baixas, “[...] afinal, a mulher devia receber menos, desde que não era dela que provinha a renda familiar”. (HOBSBAWM,



1988, p. 279) Pois entende-se que o salário da mulher não é o que provém a família e sim o do homem, neste caso não existe a necessidade da remuneração ser igualada ao do homem.

A mulher burguesa não trabalhava, ou melhor, não era permitido que ela exercesse funções remunerativas, haja vista que esse fato diminuiria o *status quo* do seu esposo, “[...] o fato de ela não precisar trabalhar era a prova visível, perante a sociedade, de que a família não estava pauperizada. Tudo conspirava para tornar dependente a mulher casada[...]” (HOBSBAWM, 1988, p. 280), ou seja, como se ele não fosse capaz e não tivesse condições de manter sua família e o principal motivo era a sua emancipação financeira.

Para Pérez (2004, p. 773):

Y hasta la última parte del siglo XIX a las mujeres se les negaba la posibilidad de ejercer una profesión. Por consiguiente, los caminos disponibles para que las mujeres respetables consiguieran forjarse una existencia independiente eran muy pocos. Careciendo de una familia lo bastante rica para mantener la o de un marido, una mujer tenía que hacer se institutriz.

Conforme a citação acima, a mulher casada era negada o direito de trabalhar, por conta da possibilidade da sua independência, o que já sabemos que é motivo de perigo. Quando analisamos a obra *Carmilla* percebemos que um dos motivos para iniciação do processo de libertação sexual da mulher, ocorre principalmente quando começa a surgir essas mudanças na sociedade. A preocupação do autor em relatar justamente durante o final do século XIX, demonstra o princípio de uma emancipação.

Diante desta mudança social, as mulheres de classe alta burguesa, não exerciam nenhuma profissão, haja vista não necessitavam. Porém, as mulheres de classe inferiores, saíam à luta para ajudar seus esposos. Mas algumas mulheres não tinham um destino positivo, muitas delas entravam no caminho da prostituição para poder manter seus filhos, neste caso utilizando sua sexualidade para sobrevivência, a estas mulheres restava à imagem apenas de profanas e destruidoras da virtude vitoriana.

De acordo com Pérez (2004, p. 776):

Sin embargo, esta visión contrasta con la típicamente victoriana que consideraba este hecho como el uso que una mujer in moral hace de sus encantos; para ellos, una prostituta es una mujer caída –veamos las concomitancias con el vampiro, y más aún, con la vampira–, vanidosa, lujuriosa, perversa, carente de toda cualidad femenina, lasciva.





Concordando com o autor da citação acima, é possível perceber a relação entre as mulheres marginalizadas por conta da prostituição e a *Carmilla* tendo em vista que ambas têm a imagem de destruidora da virtude vitoriana. Além disso, a sociedade vitoriana não percebe que sua virtude é hipócrita, haja vista que essa situação da mulher que se prostitui é por conta da falha no governo, ou seja, os salários baixos que são incapazes de manter as famílias.

No final do século XIX concomitante com essas mudanças sociais, a sexualidade da mulher começa a desabrochar, Le Fanu compreendeu essa suave mudança e expôs na figura da vampira lésbica esse rompimento com o padrão vitoriano. Ao assumir a sua homossexualidade ela está negando a maternidade e deixando de ser submissa e tornando-se dominadora, responsável pelas suas decisões.

Para Pérez (2004, p. 777):

Las últimas décadas del siglo se vieron marcadas por lo general por un debate más abierto de la sexualidad, debate en el que la *new woman* desarrolló un papel importante. Estas mujeres eran consideradas más próximas a lo monstruoso que a lo decoroso, lo femenino, lo humano, lo propio de su sexo. Ellas estaban preocupadas por temas como la educación, el acceso a puestos de trabajo, la reforma del matrimonio, las leyes acerca del divorcio o el sufragio femenino. De manera más alarmante, proponían nuevos códigos de conducta y ética sexual, demandando el acceso inmediato a información acerca de las enfermedades venéreas, la anticoncepción, y reclamando el fin de la doble moral, promulgando los derechos a la libertad sexual dentro y fuera del matrimonio.

Logo, conforme a citação acima, percebemos que as mudanças já iniciaram no final do século XIX e estão fazendo emergir a nova mulher. *Carmilla* é a representação indireta desta mulher, quando tratamos de casamento e filhos, a vampira nega e renega essa situação, sua homossexualidade nega a maternidade e a dominação do sexo masculino. “La maternidad no se justificaba más que como una realización narcisista del yo femenino; la casa no era más que un lugar de descanso. La vida privada de las mujeres se individualizó”. (PÉREZ, 2004, p. 783) Sua vida agora segue os seus desejos, ela passa a se ver como mulher e não se aceita como objeto do homem.

Cansada de tanta repressão a mulher vitoriana inicia um processo longo de libertação dos grilhões da sociedade patriarcal. Conforme Campos (2008, p.29):

Contudo, algumas mulheres desse período, inconformadas com a situação de prisioneiras do lar, dão início à luta contra a repressão e partem em busca de seus direitos: direito à educação, à liberdade de ação, de ir e vir, de manter um contato direto e aberto com a realidade do



espaço que se convencionou chamar ‘domínio público’, dentro da sociedade que as cercava.

Portanto, o final do século XIX, foi o início de um processo longo de libertação da mulher vitoriana. Em se tratando de *Carmilla*, ela assume essa imagem da nova mulher, por conta da liberdade que o vampiro tem, isto é, o vampiro não tem compromisso com as regras sociais, ele é livre, esse é o desejo da mulher vitoriana. Segundo Campos (2008, p.8):

[...] *Carmilla* não é tão somente a imagem da mulher desmistificada de toda a pureza cristã, mas também e principalmente é a caracterização da mulher livre, sem impedimentos ou pudores; ela é uma mulher idealizada pelo desejo do homem: bela, atraente, delicada, bem educada, com uma postura social digna das necessidades puritanas da época, contudo, na intimidade ela se mostra forte e devastadora.

O homem, apesar de todo receio com a mulher que não fosse submissa a ele, virtuosa, responsável pela família, de algum modo, essa nova mulher o atraía, pois ela deixa seu instinto sexual tomar conta de si, demonstrando dominação. É como se a mulher devesse ser tudo aquilo que a sociedade impunha, mas ao mesmo tempo o homem desejava uma mulher devassa na intimidade.

*Carmilla* é de certa forma a mulher desejada pelo homem, porém, suas atitudes transgressoras causam desconforto diante da sociedade patriarcal e virtuosa do período, Sheridan Le Fanu, o homem do seu tempo, expressou, através da literatura a sociedade vitoriana e na personificação da vampira, manifestou o desejo de libertação sexual da mulher vitoriana.

Para Campos (2008, p.81):

Desse artifício, ele tirou a oportunidade para expressar uma nova visão sobre o comportamento da mulher diante do mundo em que vivia e questionar os modelos familiares de conduta e formação moral, já que revelou aos olhos do público uma realidade feminina ligada a erotividade.

A vampira de Le Fanu é essa nova mulher que está surgindo, sabemos que esse processo foi e é longo, e mesmo com as mudanças em se tratando de alguns assuntos como casamento, filhos, trabalho, o preconceito e as restrições eram ainda muito grandes. Discorre Campos (2008, p.89):

Desse modo, ao apresentar-nos uma figura de mulher corrompida e tomada por modos voluptuosos e liberais, J. S. Le Fanu trata da necessidade em se dar abertura para a mulher que acompanha as transformações de sua época e já apresenta sinais de cansaço e revolta sobre sua condição.



Porém, *Carmilla* foi importante para esse despertar. Um dos motivos possíveis é que a maioria dos leitores era do sexo feminino, ainda mais se tratando de literatura gótica romântica. De acordo com Campos (2008, p. 89):

Neste ponto retomamos a ideia de que há uma representação feminina intimidadora, capaz de questionar os padrões sobre o que lhe pode ou não ser visto como pecado. Há uma nova imagem de mulher em iminência e esta ainda encontra-se na dúvida quanto ao próximo passo a ser dado: se adiante, em busca da liberdade e cometendo os “pecados” humanos do questionamento e exposição pública de suas formas de pensar e agir, ou se estática, prevenindo possíveis punições aos impulsos e desmandos ocasionados pela escolha daquilo que até então era visto como impuro e devasso.

Entretanto, essa suposta liberdade que começa a emergir, coloca em xeque a imagem que essa mulher libertadora vai ter diante da sociedade, é certo que será de pecadora. Esse questionamento surge com a morte de *Carmilla* no final da obra, ou seja, o autor demonstra a possibilidade de se ter uma nova mulher, em uma sociedade que vem sofrendo mudanças, mas ao mesmo tempo matando a personagem, está dizendo que toda liberdade tem uma punição, no caso de *Carmilla* foi a morte e para mulher vitoriana será continuar lutando e confrontando com os preconceitos para poder viver sua vida como ela deseja.

#### 4. Considerações

Conforme foi exposto e, a partir da análise feita na obra literária *Carmilla*, percebemos que a trajetória da mulher vitoriana no que se refere a sua sexualidade foi extremamente velada. Tudo que estava relacionado ao sexo feminino, seu corpo, seu órgão genital, seus desejos, eram negados. A mulher vitoriana estava restrita ao lar e a sua imagem representada por um anjo, além de ser a mulher virtuosa, mãe e esposa perfeita. Com as transformações sociais, ela começa a sentir suas necessidades, principalmente as relacionadas à sua sexualidade e aos seus desejos.

Reduzida ao papel de procriadora, cansada e estafada das suas atividades como dona de casa e mãe, desejava poder controlar seu ventre, queria o direito de poder escolher ser mãe ou não. Além de poder escolher o momento e se desejar casar, como vimos no decorrer do trabalho, o matrimônio era imposto. Instruída desde a infância a ser cristã e boa esposa e nada mais. A ela desde sempre foi negado qualquer conhecimento e sensações relacionadas a sexualidade, aprendeu que sua biologia era inferior, sua menstruação, motivo de preocupação e nojo para o homem.



Tem seu corpo violado na noite de núpcias, é a presa a espera do seu predador, o ato sexual era algo mecânico sem prazer, simplesmente um ventre a espera de um filho. Para o homem era apenas um objeto. E que essa privação da sexualidade colocava a mulher em exposição de doenças psiquiátricas e físicas. *Carmilla* vem representar a libertação dessa mulher oprimida sexualmente pela sociedade patriarcal e preceitos religiosos. Que sente a necessidade de desejar, sentir prazer e não mais ser objeto do prazer alheio.

A libertação sexual da mulher do século XIX é algo muito sutil, pois ainda existem preconceitos e pudor a respeito desse assunto, podemos dizer que até hoje o sexo é um tabu. Além disso, evitava-se a erotização da mulher, por isso que no período vitoriano existiu grande imposição nas roupas e acessórios femininos, tudo para se evitar a cobiça e o despertar sexual da mulher.

O corpo da mulher é altamente perigoso, tudo nela é pecaminoso, culpada desde o mito criador, carrega os estigmas de ser mulher. O que a torna mulher é seu órgão genital, é ele que a coloca em posição de inferioridade, frágil, incapaz de tomar conta de seus próprios atos. Ela é considerada um ser incapaz e deve ser submissa ao seu superior, ao homem.

Dessa forma, *Carmilla* rompe com o patriarcado, é uma mulher livre. Ser uma vampira a libertou do jugo social, até certo ponto, pois ela sofreu o castigo por ter se libertado. Mesmo assim, ela consegue despertar a mulher vitoriana, estimular a sexualidade, quebrar os grilhões do patriarcado. Ela representa o desejo de libertação sexual dessa mulher reprimida sexualmente.



---

## Referências

- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967. v. 2.
- CAMPOS, L. *CARMILLA e SABELLA: em busca de uma identidade feminina em Joseph Sheridan Le Fanu e Tanith Lee*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José dos Campos, 2008.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1.
- FOUCAUT, M. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FREUD, S.; BREUER, J. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p 9-16. v. 2.
- FROTA, A. Natureza subversiva: o papel do vampiro no estudo da sexualidade em “Carmilla”. *Linguagens- Estudos e Pesquisas*, Catalão, v. 17, n. 1, p. 193-210, 2013.
- HOBSBAWM, E. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LE FANU, S. *Carmilla: a vampira de Karnstein*. São Paulo: Hedra, 2010.
- LIMA, D. *A vida do sangue, o sangue da vida: A influência das “sagradas” escrituras sobre a literatura vampírica*. 2016. Tese (Doutorado em Literatura) - Programa de Pós Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- PÉREZ, F. *Terror y Placer: hacia una (re)construcción cultural del mito del vampiro y su proyección sobre lo femenino en la literatura escrita en lengua inglesa*. 2004. Tese (Doutorado em Filologia Inglesa) - Departamento de Filologia Moderna, Universidad de Castilla-la Mancha, Cuenca, 2004.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- STRACHEY, G. L. *Rainha Vitoria*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2015.

